

## O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira<sup>1</sup>

### Resumo

O trabalho é parte integrante dos estudos e das sistematizações teóricas que embasaram a produção da pesquisa de Mestrado desenvolvida pela autora, a qual está circunscrita no campo da Educação, em especial, da História da Educação. O frequente emprego do conceito de campo nas pesquisas educacionais brasileiras demonstra o quanto Pierre Bourdieu tem influenciado a produção acadêmica na educação, no entanto, tal uso nem sempre tem sido feito de forma a situar devidamente tal conceito num contexto mais amplo das produções de seu autor. Assim, este trabalho teve como objetivo lançar luz sobre o conceito de campo de Bourdieu, ao mesmo tempo em que pretende discuti-lo de forma contextualizada. Para tanto, além do conceito de campo, sua definição e suas propriedades, são abordados também outros conceitos do mesmo autor, tais como habitus e capital, os quais estão intimamente ligados àquele primeiro. O foco no campo intelectual como um dos campos de produção cultural se deve às possibilidades que as formulações de Bourdieu trazem à compreensão dos discursos dos intelectuais, do lugar de onde falam, de suas formulações, escolhas e recusas. Tais análises tornaram-se importantes para a pesquisa em questão, que trabalhou com discursos intelectuais como fontes com a finalidade de perceber projetos de educação e de formação de professores para o meio rural presentes no contexto brasileiro e catarinense de meados do século XX.

**Elaine Aparecida Teixeira Pereira**

Mestre em Educação pela  
Universidade Federal de Santa  
Catarina – UFSC – Brasil  
elaine.tp@gmail.com

**Palavras-chave:** Campo; Campo intelectual; BOURDIEU, Pierre, 1930-2002; História da Educação Brasileira.

<sup>1</sup> O presente texto foi escrito como trabalho final da disciplina “Escarização, história e poder”, ministrada pelo Prof. Dr. Norberto Dallabrida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no primeiro semestre de 2012. Participações anteriores nos projetos de pesquisa “A Sociologia na formação dos professores catarinenses nos anos 1930 e 1940” (2001-2002) e “A Sociologia Espiritualista na formação de professores em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940” (2002-2003) – coordenados pela Profa. Dra. Maria das Dores Daros e desenvolvidos no âmbito do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – também estiveram no horizonte desta produção, na medida em que as análises e interpretações aí realizadas faziam uso do conceito de campo de Pierre Bourdieu, em especial por terem como mote comum a constituição do campo educacional brasileiro. Importante ainda mencionar que para a elaboração deste trabalho, além das valiosas contribuições dos professores acima nomeados, foram fundamentais as discussões e trocas realizadas com Marilândes Mól Ribeiro de Melo e Tiago Ribeiro dos Santos, colegas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC.

**Para citar este artigo:**

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 – 356, set./dez. 2015.

**DOI:** 10.5965/1984723816322015337

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723816322015337>

## Pierre Bourdieu's concept of field: opportunities for analysis by studies in brazilian education history

**Abstract**

This study is part of theoretical research and systematization undertaken to support the author's Master's project in the field of education, and in particular the history of education. The frequent use of the concept of field in Brazilian educational studies demonstrates Pierre Bourdieu's influence in academic research about education. Nevertheless, the concept of field has not always been properly situated in the broader context of Bourdieu's work. In an effort to counter this trend, the purpose of this study is to cast light on Bourdieu's concept of field, and to discuss it in a contextualized manner. In addition to the definition and properties of the concept of field, other of Bourdieu's concepts are discussed such as *habitus* and capital, which are intimately linked to the first. The focus on the intellectual field as one of the fields of cultural production is due to the opportunities that Bourdieu's formulations present for understanding intellectual discourses, the place from which they are made, their formulations, choices and denials. These analyses are important for this Master's study, which used intellectual discourses as sources that help understand educational projects and teacher education in rural areas in Brazil and Santa Catarina state in particular, in the 20th century.

**Keywords:** Field; Intellectual field; BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 ; Brazilian Education History.

## Introdução

Em *Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro*, os pesquisadores Afrânio Catani, Denice Catani e Gilson Pereira analisam a maneira como a obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu foi lida e compreendida no Brasil, bem como as formas de incorporação de sua teoria nos estudos do campo educacional. Examinando as produções de periódicos educacionais brasileiros das décadas de 70, 80 e 90 do século XX, os referidos autores buscam “explicitar as características das apropriações feitas do pensamento de Bourdieu no Brasil mediante a análise dos textos nos quais há referências ao autor, incorporação de conceitos e/ou assimilação de seu modo de trabalho” (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2002, p. 133), classificando em três categorias as formas de apropriação encontradas nos artigos analisados: apropriação incidental, apropriação conceitual tópica e apropriação do modo de trabalho.<sup>2</sup>

Uma das contribuições da produção acima citada é a de proporcionar reflexões acerca das diferentes possibilidades de apropriação e usos de um autor ou teoria. Em especial aos pesquisadores em formação, tal reflexão possibilita maior clareza nas escolhas e relações entre o aporte teórico eleito e os “usos tópicos” de outros conceitos e autores aos quais se recorre no processo de pesquisa e escrita. Nessa direção, em meio ao desenvolvimento da pesquisa de Mestrado *Modernizar o arcaico: discursos sobre a formação de professores para o meio rural (Santa Catarina 1942-1959)*, tal contribuição foi bastante fecunda, uma vez que a análise das fontes com base em conceitos de Bourdieu suscitou questões, como a que se refere à escolha da forma de apropriação<sup>3</sup> do autor.

Nesse sentido, e recorrendo às categorias cunhadas por Catani; Catani; Pereira (2002), optou-se por uma espécie de uso “tópico” das produções de Bourdieu, de modo a contemplar especialmente o conceito de campo – falando de forma geral – e de campo

---

2 Segundo Catani; Catani; Pereira (2002), os escritos de “apropriação incidental” fazem alusões rápidas a Bourdieu, citando-o de forma breve nos textos, ou apenas nas referências bibliográficas, em análises que geralmente retiram as ideias do autor de um quadro teórico e conceitual mais amplo e que lhes dá sentido. Os textos de “apropriação conceitual tópica” avançam no fato de usarem excertos das obras do autor para reforçar os argumentos apresentados. Já a “apropriação do modo de trabalho” é caracterizada pelo uso do *modus operandi* criado por Bourdieu. Conceitos como campo, estratégia e *habitus* são comumente usados em escritos pertencentes a esta última classificação.

3 Neste trabalho, assim como no estudo de Catani, Catani e Pereira (2002) ao qual se faz alusão, é utilizado o conceito de apropriação de Roger Chartier (1998), que se refere aos processos de produção de sentido, aos diversos usos e às interpretações, às diferentes formas de recepção que os leitores lançam mão em sua atividade de criação ao ler determinada obra.

intelectual – em sentido mais restrito. Pensando os campos a partir de Bourdieu, o que se busca é um uso tópico cuidadoso: que considere as principais teses e ideias do autor, além do contexto e campo (ou campos) de produção e circulação de sua obra. É aí que se insere o escrito que ora é apresentado, uma vez que foi concebido como parte integrante do exercício de estudo e sistematização teórica a embasar a produção de pesquisa de Mestrado anteriormente referida, a qual está circunscrita no campo da Educação, em especial, da História da Educação.

O frequente emprego do conceito de campo nas pesquisas educacionais brasileiras demonstra o quanto Bourdieu tem influenciado a produção acadêmica na educação. O que se percebe é que conceitos do autor são usados de forma recorrente, mas que, algumas vezes, não são devidamente situados. De acordo com Catani (2004, p. 4), “se a presença ou a utilização do conceito de *campo* no domínio das humanidades – e, em especial, da produção educacional – têm sido recorrentes, nem sempre têm sido acompanhadas de uma incursão mais demorada pela obra de Bourdieu”. Buscando colocar-se na contracorrente desta constatação, o que se pretende no trabalho aqui apresentado é lançar luz sobre o conceito de campo em Pierre Bourdieu, ao mesmo tempo em que fazer um exercício de discutir tal conceito de forma contextualizada.

Para tanto, além do conceito de campo, sua definição e propriedades, serão abordados também outros conceitos de Bourdieu, como *habitus* e *capital*, os quais estão intimamente ligados àquele primeiro. O foco no campo intelectual como um dos campos de produção cultural se deve às possibilidades que as formulações de Bourdieu trazem à compreensão dos discursos dos intelectuais, do lugar de onde falam, suas formulações, escolhas e recusas. Essas análises foram importantes para a citada pesquisa, que trabalhou com discursos intelectuais como fontes com a finalidade de perceber projetos de educação e de formação de professores para o meio rural presentes no contexto brasileiro e catarinense de meados do século XX.

Em conformidade com o exposto, o presente escrito apoia-se em: a) textos de Pierre Bourdieu, integrantes das obras *Os usos sociais da ciência* (2004), *O poder simbólico* (1989), *Questões de sociologia* (1983), *As regras da arte* (1992), *Coisas ditas* (1990); b) trabalhos escritos por estudiosos do autor, como Maria Alice Nogueira, Denice Bárbara Catani, Afrânio Mendes Catani, em especial nas produções Catani (2004), Catani; Catani;

Pereira (2002) e Nogueira; Nogueira (2009). No que se refere à organização e estrutura do trabalho, primeiramente é exposto o conceito de campo, o qual vem acompanhado, na seção seguinte, pelos conceitos de *habitus* e capital (cultural e social), por sua vez relacionados entre si e aos campos. O terceiro tópico é o que versa sobre as propriedades dos campos, e um ulterior o que tem como foco o campo intelectual, por sua vez seguido de “algumas considerações”.

### Conceituando o campo

Campo é um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais<sup>4</sup> específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam.

Pensar a partir do conceito de campo é pensar de forma relacional. É conceber o objeto ou fenômeno em constante relação e movimento. O campo também pressupõe confronto, tomada de posição, luta, tensão, poder, já que, de acordo com Bourdieu, todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes” (BOURDIEU, 2004, p. 23). Assim, é o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura que indica suas tomadas de posição.

No interior dos campos existem disputas por controle e legitimação dos bens produzidos, assim como também são estabelecidas diferentes relações e assumidas variadas posturas pelos agentes que os compõem. Uma das atitudes possíveis

---

4 Indo além de uma abordagem pautada especificamente no aspecto econômico, Bourdieu cunhou os conceitos de capital cultural e capital social. Tais conceitos serão retomados no decorrer deste escrito.

caracteriza-se pela aceitação das normas, pela boa vontade em relação à cultura e às regras legitimadas; outra é a que Bourdieu denomina “herética”, qual seja a de contestação às regras e posições. Atitudes híbridas entre ambas as posturas também podem ser observadas nos variados campos.

O sociólogo francês Bernard Lahire (2002), a partir dos escritos de Bourdieu, faz uma extensa relação dos elementos fundamentais para definir um campo. Neste trabalho, ao discutir os “prolongamentos críticos” e a “herança científica” da obra de Bourdieu após sua morte, Lahire mostra-se contrário tanto à postura de idolatria ao autor e de aplicação contínua e quase dogmática de “sua teoria”, quanto à posição de tecer-lhe críticas e desqualificações não fundamentadas. Para Lahire, Bourdieu realmente estaria sendo inspiração para aqueles pesquisadores que ousassem continuar “imaginando e criando além do que o próprio sociólogo pensou e formulou, reencontrando assim a atitude que ele soube adotar enquanto inventava” (LAHIRE, 2002, p. 38). Essa atitude – a de inventar, de ir além – seria a mais fiel a Bourdieu, no dizer de Lahire, além de mais adequada ao ofício do cientista.

Praticando a postura de revisão crítica, Lahire considera que nem tudo pode ser incluído em um campo, quando diz que a “teoria dos campos constitui uma maneira de responder a uma série de problemas científicos”, mas que também “pode constituir um obstáculo ao conhecimento do mundo social” por ter caráter “regional” e não “geral” ou “universal” (LAHIRE, 2002, p. 51-52). Afirma que nem todos os espaços têm propriedades que os caracterizam como campos, citando o exemplo da família e das classes populares. Defende que é possível viver num universo sem estar nele por inteiro, sem entrar em concorrência: “de fato, pode-se participar de um universo como praticante amador [...], simples consumidor [...], ou ainda na qualidade de simples participante na organização material desse universo, sem participar diretamente do jogo que nele se joga” (LAHIRE, 2002, p. 49-50). É o caso, para Lahire, de todas as atividades das quais participamos de modo temporário que, em sua opinião, não podem ser consideradas “campos”. A teoria dos campos, portanto, poderia ser usada para “iluminar os grandes palcos”, mas não para olhar “os que montam esses palcos” (LAHIRE, 2002, p. 50), visto que não contempla os excluídos das atividades profissionais e os participantes daquelas que contam com pouco prestígio.

Nogueira; Nogueira (2009, p. 31) em parte seguem outra direção, já que se dedicam a sintetizar e contextualizar as principais ideias de Bourdieu e não a uma análise crítica de conceitos cunhados pelo autor. Para eles, o conceito de campo deve ser utilizado quando nos referimos a "certos espaços de posições sociais" nos quais ocorre produção e consumo de bens. Situando historicamente o conceito, afirmam que:

[...] à medida que as sociedades se tornam maiores, e com uma divisão social do trabalho mais complexa, certos domínios de atividade se tornam relativamente autônomos. No interior desses setores ou campos da realidade social, os indivíduos envolvidos passam, então, a lutar pelo controle da produção e, sobretudo, pelo direito de legitimamente classificarem e hierarquizar os bens produzidos. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 31)

Trazendo algumas características dos campos, Nogueira; Nogueira (2009) falam sobre as posições ocupadas pelos seus agentes: de um lado as posições dominantes, que podem ser relacionadas a estratégias conservadoras, e de outro as posições inferiores, responsáveis por estratégias que variam entre a conservação e a contestação. Referem-se também às disputas próprias dos campos, às lutas, às formas dominantes e dominadas da cultura.

Segundo a afirmação de Catani (2004), para compreender o trabalho de Pierre Bourdieu é necessário também dedicar-se ao estudo da noção de *habitus* e do conceito de prática (ou conhecimento praxiológico). De forma um tanto pontual, pode-se afirmar que a prática consiste na articulação entre agente social e estrutura social, na relação entre um *habitus* e um campo. Para Catani, a reciprocidade entre esses dois conceitos é explicitada por Bourdieu como tentativa de superar a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo: na defesa por uma relação dialética entre indivíduo e estrutura, e na contracorrente das vertentes que privilegiam um ou outro polo.

### O campo na relação com o *habitus* e o capital

A relação entre campo, *habitus* e capital é explicitada por Bourdieu e emerge em variados textos do autor. Como palco de lutas e relações de poder, além de microcosmo social dotado de leis específicas, cada campo está ligado a determinados capitais quando

se constitui como espaço no qual os capitais são movimentados, valorizados, legitimados. Assim, de acordo com as características e finalidades de um determinado campo, um ou outro capital terá maior valor e importância. É também no campo que pode ser situado o *habitus*, já que cada campo privilegia um *habitus* específico.

Como estruturas estruturadas que funcionam também como estruturas estruturantes, o *habitus* pode ser definido como "sistema de disposições duráveis". As estruturas são estruturantes à medida que são responsáveis pela construção de práticas e representações por parte dos agentes, mas também são estruturadas porque influenciadas, inventadas, recriadas por esses mesmos agentes – que não seguem as normas tal qual se apresentam, mas fazem delas diferentes usos<sup>5</sup>. Recorrendo a Catani (2004, p. 4), pode-se afirmar que o *habitus* é construído num processo de aprendizado como “produto da relação dos agentes sociais com diversas modalidades de estruturas sociais”. As experiências que constituem os sujeitos são variadas, alcançando especial relevância aquelas apreendidas na família no momento da primeira socialização, assim como as provenientes da incursão no universo escolar.

Falando sobre a gênese do conceito, Bourdieu (1989, p. 60-61) explica que o *habitus* manifesta a “recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo”, possibilitando que se rompesse “com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência”. Indo de encontro às concepções então postas, o autor esclarece suas pretensões na formulação:

[...] eu desejava pôr em evidência as capacidades "criadoras", activas, inventivas, do *habitus* e do agente (que a palavra *hábito* não diz), embora chamando a atenção para a ideia de que este poder gerador não é o de um espírito universal, de uma natureza ou de uma razão humana, [...] o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital. (BOURDIEU, 1989, p. 61)

---

<sup>5</sup> Nessas formulações de Bourdieu é possível perceber relações com os escritos de Chartier, quando este autor fala sobre o conceito de apropriação. O conceito é brevemente tratado na nota de número 3.



A capacidade criadora e inventiva dos agentes é demarcada ao mesmo tempo em que não se perde de vista a função "estruturante" daquilo que é aprendido e incorporado. Para Martins (2002, p. 176), a partir do conceito de campo, Bourdieu distancia-se da polarização objetivismo/subjetivismo, indivíduo/estrutura, demarcando a importância de conceber a "relação recíproca entre os sistemas de percepção, apreciação e ação, ou seja, os *habitus*, e as diferentes estruturas constitutivas do mundo social e das práticas, ou seja, os diferentes campos".

Além do *habitus*, pensar o conceito de capital é também fundamental se o objetivo for a compreensão mais alargada do que é um campo. Movimentados nos campos, os capitais definidos por Bourdieu parecem relacionar-se a uma forma ampliada de ver a realidade, a qual concebe outras dimensões além do aspecto econômico, comumente atribuído ao que se convencionou denominar capital.

Partindo de uma visão polimorfa, Pierre Bourdieu cunha os conceitos de capital cultural e capital social, os quais se relacionam às heranças culturais, possibilidades de acesso e inserção, assim como à intimidade com determinadas práticas, posturas, instituições, sujeitos, conhecimentos. Quando se refere ao capital cultural, trata da carga cultural que recebemos – principalmente na primeira socialização – e que permanece ao longo de nossa vida, dizendo de nossos gostos, posturas, de nossa relação e familiaridade (ou não) com certas práticas culturais. Já o capital social diz respeito principalmente às redes de relações às quais estamos ligados e que podem tornar possível ou facilitada nossa entrada em alguns campos, bem como contribuir para alcançarmos uma posição de maior prestígio ou poder nesses espaços.

Segundo Bourdieu (2010, p. 73), a noção de capital cultural se colocou "primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o 'sucesso escolar' [...] à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe". Essa maneira de situar o conceito fala da relação entre as formulações teóricas do autor e sua inserção na pesquisa empírica. Em suas obras é possível encontrar passagens que vinculam a criação de conceitos ao universo da pesquisa, como a que está no livro *O poder simbólico* e que situa a elaboração do conceito de campo: que "serviu primeiro para indicar uma direção à pesquisa, definida negativamente como recusa à

alternativa da interpretação interna e da explicação externa” para leitura das obras e bens culturais. Nessa recusa, é demarcada a importância de que fosse considerado “o campo de produção como espaço social de relações objetivas” na análise da produção dos bens culturais (BOURDIEU, 1989, p. 64).

De acordo com o próprio autor e segundo o texto *Os três estados do capital*, o capital cultural pode se apresentar sob três formas, quais sejam: o capital cultural incorporado, “sob a forma de disposições duráveis do organismo”; o capital cultural objetivado, “sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas”; e o capital cultural institucionalizado, “em relação ao certificado escolar” (BOURDIEU, 2010, p. 74). De acordo com Nogueira; Nogueira (2009, p. 35), para referir-se ao “poder advindo da produção, da posse, da apreciação ou do consumo de bens culturais socialmente dominantes, Bourdieu utiliza, por analogia ao capital econômico, o termo capital cultural”. Por meio deste conceito fala sobre “bens” que possuímos, como a capacidade do uso adequado da língua culta, situação que nos traz “uma série de vantagens sociais” e que “funciona como uma moeda (um capital) que propicia [...] uma série de recompensas”.

### Os campos e suas propriedades

Como parece ser comum nas formulações bourdieusianas, as primeiras elaborações sobre o conceito de campo estiveram relacionadas ao trabalho empírico. Essa é uma opção que, para o autor, diferencia “teoria teórica” de “teoria científica”, na medida em que a última apresenta-se como “programa de percepção e de ação”, como “construção provisória” elaborada no trabalho empírico, na “defrontação com novos objetos” (BOURDIEU, 1989, p. 59). Foi no exercício de pôr em funcionamento a teoria que Bourdieu desvelou não apenas propriedades específicas nos campos, mas também características comuns. Em suas palavras:

Nada mais restava fazer do que pôr a funcionar o instrumento de pensamento assim elaborado para descobrir, aplicando-o a domínios diferentes, não só as propriedades específicas de cada campo – alta costura, literatura, filosofia, política, etc. – mas também as invariantes

reveladas pela comparação dos diferentes universos tratados como “casos particulares do possível”. (BOURDIEU, 1989, p. 66)

O sociólogo segue afirmando que “a paciência das aplicações práticas repetidas” de seu método permitiu “levar a um nível de generalidade e de formalização mais elevado os princípios teóricos envolvidos no estudo empírico” dos campos, que, “em consequência das particularidades das suas funções e do seu funcionamento [...] denunciam de maneira mais ou menos clara propriedades comuns a todos os campos” (BOURDIEU, 1989, p. 67). Essas propriedades e leis gerais tornam possíveis aproximações entre universos aparentemente diferentes entre si, permitindo a construção de uma teoria. Ao mesmo tempo, o estudo de cada campo em particular possibilita a constatação de características específicas e diferenciadas entre eles.

A noção de campo em Pierre Bourdieu é usada para designar espaços (microcosmos) dotados de certa autonomia, ao mesmo tempo em que submetidos a leis sociais mais amplas (macrocosmo). Como espaços sociais relativamente autônomos, os campos podem compor suas próprias regras e leis, assumir posições e tomar decisões. De acordo com o autor, se “jamais escapa às imposições do macrocosmo”, cada campo dispõe, “com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada” (BOURDIEU, 2004, p. 21). O grau de autonomia de um campo aumenta à medida que este é mais bem estruturado, e para analisá-lo é preciso:

[...] saber qual é a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem, créditos, ordens, instruções, contratos, e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, isto é, quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas. (BOURDIEU, 2004, p. 21)

A possibilidade de resistência de um campo a fatores e pressões a ele externos, portanto, diz do seu grau de autonomia. Um indicador dessa autonomia é o que Bourdieu chama de capacidade ou poder de “refração”, que significa a possibilidade de transfigurar as imposições externas ao ponto de “se tornarem perfeitamente

irreconhecíveis” (BOURDIEU, 2004, p. 23). Mas um campo também pode ser heterônomo, o que ocorre quando as pressões e problemas externos exercem sobre ele grande influência.

Outra propriedade comum aos campos é a presença de lutas, a existência de objetos de disputa entre os diferentes agentes que, dependendo da posição que ocupam no campo, são chamados de “pretendentes” (os novos, os que estão entrando no campo e buscam sua posição) ou “dominantes” (aqueles já estabelecidos e que lutam para manter-se na posição alcançada). As lutas assumem características distintas em cada campo, mas sua existência é comum a todos eles. Sobre esse ponto, Bourdieu (1983, p. 89) tece a seguinte afirmação: “em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência”.

Os objetos disputados são definidos de acordo com interesses específicos, e o que é alvo de lutas em um campo pode não interessar aos integrantes de outros campos. Assim, para que um determinado campo exista é necessário que se definam “objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas” (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Compondo a estrutura do campo, as relações de forças entre agentes e instituições são responsáveis pelas tomadas de posição, determinando posturas e ações. Nessa dinâmica, aqueles que contam com certo monopólio do capital legitimado no campo têm maiores possibilidades de serem atendidos em suas opiniões e escolhas. Assim, para Bourdieu (2004, p. 23-24), apenas é possível compreender “o que diz ou faz um agente engajado num campo [...] se estamos em condição de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos ‘de onde ele fala’”. Conforme apontado, os lugares ocupados pelos agentes dizem de suas posturas, de suas posições, de modo que aqueles que monopolizam um capital específico no campo costumam assumir estratégias de conservação, e os que estão em condição contrária (contando com menor capital e prestígio), tendem a estratégias de subversão. Para além dessas posições, num primeiro olhar opostas e antagônicas, há interesses comuns entre os agentes. Esses

interesses fazem com que as regras do jogo sejam aceitas, com que haja cumplicidade, apesar das diferenças e da competição presentes.

Entrar no jogo, estar no jogo, fazer parte da disputa. Para Bourdieu (1983, p. 90), a "cumplicidade objetiva" está sempre presente num campo, apesar dos antagonismos, assim como a crença no valor daquilo que é disputado:

Os que participam da luta contribuem para a reprodução do jogo contribuindo [...] para produzir a crença no valor do que está sendo disputado. Os recém-chegados devem pagar um direito de entrada que consiste no reconhecimento do valor do jogo [...] e no conhecimento (prática) dos princípios de funcionamento do jogo. Eles são levados a estratégias de subversão que, no entanto, sob pena de exclusão, permanecem dentro de certos limites. E de fato, as revoluções parciais que ocorrem continuamente nos campos não colocam em questão os próprios fundamentos do jogo. (BOURDIEU, 1983, p. 91)

O limite das estratégias de subversão, deste modo, é a ameaça que pode exercer ao agente e ao próprio campo. A denominada "cumplicidade objetiva" se dá também em outros aspectos, como o *status* que uma obra passa a ter devido ao reconhecimento que recebe em seu campo de produção, uma vez que é ele que lhe confere valor e legitimidade. Afirmando que o valor de uma obra de arte, por exemplo, é atribuído pela crença a ela imputada pelos agentes pertencentes ao campo no qual foi produzida, Bourdieu está defendendo a ideia de que o produtor do valor da obra é o campo, e não seu criador/autor. A arte, dessa forma, só existe como objeto simbólico de valor se é reconhecida como obra de arte:

O produtor do *valor da obra de arte* não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como *fetichismo* ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado que a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados da disposição e da competência estéticas necessárias para a conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras tem por objeto não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra, ou, o que dá no mesmo, na crença do valor da obra. (BOURDIEU, 1992, p. 259)

A crença no valor de uma obra, seja ela artística ou não, ocorre pela ação dos campos e de seus agentes. A definição do que é legítimo é produto do jogo, mas também contribui para reproduzir a crença no jogo e nos resultados que ele produz. Essa é uma das principais características dos campos de produção cultural, que possuem a função de “fazer crer”.

### O campo intelectual como campo de produção cultural

O campo intelectual relaciona-se a outros campos, como o literário e o científico pela circulação dos agentes entre eles. Como campos de produção cultural, algo que os aproxima a todos é a natureza do capital que movimentam, a saber, “o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração” (BOURDIEU, 1990, p. 170). Referindo-se ao capital simbólico como forma de reconhecimento, Bourdieu esclarece que ele não é medido pelo “sucesso comercial”, ou pela “consagração social”, mas muitas vezes se dá em oposição a estes aspectos, por meio de consagrações que possuem particularidades e que parecem ter sentido apenas no próprio campo no qual são convencionadas.

Para além das similaridades com outros campos, o campo intelectual se diferencia pela sua heterogeneidade, já que a definição do que é um intelectual é alcançada pela participação e consagração em diferentes campos (como o científico, o literário, o político), visto que não existe um diploma que detenha o poder de atribuir a alguém o *status* de intelectual. O campo intelectual, assim, concentra dentro dele outros campos que contribuem para defini-lo (campo literário, musical, político, científico) e também para delimitar os objetos de disputa dos agentes do campo (competição por uma colocação política, oportunidade de publicar uma obra, conquista da autoria de uma descoberta científica).

Analisando os campos de produção cultural, Bourdieu fala sobre possibilidades de compreensão das obras aí originadas e da importância de situá-las em relação ao seu lugar de produção:

[...] para compreender uma produção cultural (literatura, ciência etc) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta

entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois pólos, muito distanciados [...] existe um universo intermediário que chamo o campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem e difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. (BOURDIEU, 2004, p. 20)

No excerto acima destacado é possível perceber que, além de examinar o texto e o contexto na análise de determinada obra, para Bourdieu é fundamental atentar para as condições nas quais a obra foi produzida, reproduzida, divulgada, ou seja, o campo (ou os campos) de que participam os agentes que têm com ela relação direta. Ao mesmo tempo em que afirma que o campo de produção cultural é um campo como outro, fazendo-se presentes jogos de forças que se inter cruzam nas relações de poder, Bourdieu pontua que há especificidades nesse campo à medida que ele se reveste de uma espécie muito particular de capital: o capital simbólico. Os produtores culturais seriam, portanto, detentores de um poder específico, “o poder propriamente simbólico de fazer com que se veja e se acredite, de trazer à luz” experiências do mundo “natural e do mundo social, e, por essa via, de fazê-las existir” (BOURDIEU, 1990, p.176).

Assim, a partir das características do campo de produção cultural, é possível afirmar que a análise de uma de suas produções deve recusar

[...] tanto o estabelecimento de uma relação direta entre a biografia individual e a obra (ou entre a 'classe social' de origem e a obra) como a análise interna de uma obra em particular ou mesmo a análise intertextual, isto é, o relacionamento de um conjunto de obras. Porque é preciso fazer tudo isso ao mesmo tempo. [...] Para ler adequadamente uma obra na singularidade de sua textualidade, é preciso lê-la consciente ou inconscientemente na sua intertextualidade [...]; mas essa leitura diacrítica é inseparável de uma apreensão estrutural do respectivo autor, que é definido, quanto às suas disposições e tomadas de posição, pelas relações objetivas que definem e determinam sua posição no espaço de produção e que determinam ou orientam as relações de concorrência que ele mantém com os demais autores e o conjunto de estratégias, sobretudo formais, que o tornam um verdadeiro artista ou um verdadeiro escritor. (BOURDIEU, 1990, p. 177-178)

A contribuição de Bourdieu à produção acadêmica é bastante interessante nesse sentido, principalmente para pesquisas que tenham como foco a leitura e interpretação de obras, clássicas ou não. Em especial, a leitura de textos escritos e de discursos sobre a realidade precisa ser realizada com cuidado, e se tais textos forem produtos de contextos históricos diferentes daqueles nos quais estão inseridos os sujeitos que realizam tais leituras, a vigilância epistemológica precisa ser ainda maior: tanto para que não se impute aos textos o *status* de verdade ou de retrato fiel e real de uma situação, quanto para não olhá-los desconectados de conjunto de relações, variáveis, condições relacionadas à sua produção, circulação, aceitação ou recusa.

Nesse contexto, é possível afirmar que as preocupações explicitadas por Bourdieu quanto aos elementos a serem considerados na leitura de produções culturais podem trazer contribuições às pesquisas realizadas no âmbito da História da Educação, em especial à vertente denominada História Intelectual – que, para Vieira (2008), estuda a produção, circulação e recepção de ideias nos discursos políticos, pedagógicos, científicos e artísticos. Nesta vertente, os discursos intelectuais são concebidos como discursos políticos produzidos em contextos sociais específicos, os quais, para ser interpretados, precisam ser lidos em relação ao seu contexto, considerando que os significados estão inseridos em contextos específicos que com eles se articulam.

Assim, a teoria dos campos de Pierre Bourdieu pode fornecer elementos metodológicos à análise em trabalhos circunscritos na denominada História Intelectual. Afirmando que o campo de produção cultural é feito de relações de poder e, portanto, relações de forças, estratégias e interesses, o sociólogo pontua que nos variados campos são travadas lutas a fim de que estes se mantenham ou se modifiquem. O lugar que os agentes possuem, portanto, não é fixo, assim como também o campo permanece em constante movimento e reformulação. Compreender esses princípios é ter presente leis e propriedades dos campos, algo fundamental no exercício de leitura de textos e outras obras culturais.

Especificamente em relação aos intelectuais, Bourdieu os dessacraliza na medida em que denuncia seu papel na produção de capital simbólico, bem como de defesa dos “interesses das classes dominantes e aqueles próprios dos cultos que lutam pelo monopólio da produção” desse capital (VIEIRA, 2008, p. 79). Essa dessacralização ocorre



porque Bourdieu associa os intelectuais a comportamentos de “legitimação dos cultos”, seja em sentido *stricto* – “pela afirmação de critérios de classificação e de distinção capazes de justificar a hierarquização das posições ocupadas e a distribuição do poder no campo intelectual” – ou no sentido *lato* – pela “reprodução das relações de dominação, em função da convergência de interesses entre os detentores do capital cultural, político e econômico” (VIEIRA, 2008, p. 78).

Como “fração dominada da classe dominante”, para Bourdieu os intelectuais ocupam tanto a posição de dominados – se for levado em conta o campo do poder no qual aqueles que detêm o poder político e econômico encontram-se em vantagem –, quanto a de dominantes – em relação aos privilégios e poder que a posse do capital cultural lhes confere. Importante esclarecer que a dominação a que estão submetidos os intelectuais não é exercida por meio de relações pessoais, mas “toma a forma de uma dominação estrutural exercida através de mecanismos muito gerais como os de mercado”. A posição contraditória de dominados/dominantes por parte dos intelectuais explica, ainda, “a ambiguidade de suas tomadas de posição” (BOURDIEU, 1990, p. 174-175). Dessa forma, para ler uma obra é preciso lê-la “na sua intertextualidade”, o que deve ser inseparável de uma “apreensão estrutural” do autor, que pode ser definido pelas suas “disposições e tomadas de posição”.

Tarefa complexa, o exercício de interpretação e análise de obras, ideias, discursos requer um exercício constante de pensar o contexto histórico, social, político no qual foram gestados, bem como de analisá-los de forma a incluir também os agentes que os produziram, seus campos de atuação, seu capital social. É fundamental apontar que a discussão sobre os intelectuais e suas obras pressupõe pensá-los ligados a campos e a projetos em disputa e, nesse sentido, é imprescindível considerar as múltiplas determinações que os levam a suas escolhas e seus posicionamentos.

### Algumas considerações

O estudo dos escritos de Pierre Bourdieu, em especial os que tratam de conceitos como campo, *habitus* e capital, mostrou-se fecundo na possibilidade de análise dos jogos de forças entre agentes e espaços sociais. Estabelecendo relações e disputando entre si,

possuindo e movimentando capitais, os agentes ocupam posições nos diversos campos nos quais estão inseridos, seja na condição de dominantes ou de dominados.

Apesar das formas específicas de existir, os campos possuem características comuns, e sua definição está sujeita ao modo de construção desses espaços, que por sua vez se encontram em constante movimento. A estrutura de um campo tem relação com os capitais que são aí valorizados e a forma como estão distribuídos entre os agentes que o integram. Portanto, também relacionados ao conceito de campo estão o de capital e de *habitus*, tendo em vista que os diferentes capitais são movimentados pelos agentes que compõem os campos, que por sua vez são microcosmos sociais formados por *habitus* específicos.

No caso dos campos de produção cultural (e dos que os compõem ou têm com eles relação estreita), capitais peculiares são movimentados, merecendo destaque o capital simbólico. Dessa forma, o poder simbólico de fazer com que se acredite, como forma de reconhecimento e consagração, marca os campos ligados à produção cultural, como é o caso do campo intelectual. Assim como os outros, este campo é também formado por disputas, lutas, relações de poder, além de estar diretamente relacionado a outros que contribuem para defini-lo, como político, literário, científico, artístico.

Responsáveis pela “legitimação dos cultos”, os intelectuais atuam nos campos por meio de posições ambíguas, na condição de dominados/dominantes. A leitura das obras por eles produzidas, portanto, precisa ser realizada de modo a considerar sua intertextualidade (o campo de produção e as relações estabelecidas) para que as tomadas de posição e as estratégias usadas no jogo possam estar no horizonte do exercício de análise dos textos.

Na reflexão sobre as formas de apropriação de um autor ou teoria, a elaboração deste escrito colocou-se como possibilidade de pensar os conceitos de Pierre Bourdieu, em especial o conceito de campo. A intenção de lançar luz sobre o campo e discuti-lo de forma contextualizada permitiu aproximações entre Bourdieu e outros autores, como Roger Chartier – principalmente quanto ao conceito de apropriação. Já na relação com Bernard Lahire foi possível perceber o discípulo que se coloca como crítico do mestre, que não apenas o segue, mas que também o recria.

Nessa esteira de pensamento, é possível afirmar que as análises das obras de produção cultural – de forma geral – e dos discursos intelectuais – de maneira particular – não podem prescindir de que sejam pensados também os agentes que produzem tais obras, assim como seja considerado que estes as elaboram devido às relações estabelecidas nos/com os microcosmos sociais nos quais atuam. As teses que os agentes formulam estão diretamente imbricadas ao arcabouço teórico, ideológico e linguístico disponível em seus contextos sociais e históricos, de modo que é preciso ter como horizonte a articulação entre âmbitos diversos no processo de leitura das obras.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 59-73.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 251 p.

BOURDIEU, Pierre. O campo intelectual: um mundo à parte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 169-180.

BOURDIEU, Pierre. O ponto de vista do autor: algumas propriedades gerais dos campos de produção cultural. In: BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 243-316.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

CATANI, Afrânio Mendes. Pierre Bourdieu: um estudo da noção de campo e de suas apropriações brasileiras nas produções educacionais. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, V, Braga (PT), 2004. **Actas**. Braga, Portugal: Universidade do Minho, Braga, 2004. Tema do evento: Sociedades contemporâneas: reflexividade e ação. Disponível em: <[http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id\\_pub=PUB460d42061fd7a&id\\_tema=TEM43a0493f0b512](http://www.aps.pt/index.php?area=001&marea=003&id_pub=PUB460d42061fd7a&id_tema=TEM43a0493f0b512)>. Acesso em: 22 ago. 2012.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson Ricardo de Medeiros. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: TURA, Maria de Lourdes Rangel (Org.). **Sociologia para educadores**. 2 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002. p. 127-160.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES, ano XXIII, n. 78, p. 37-55, abr. 2002.

MARTINS, Carlos Benedito. Sobre a noção de prática. **Novos Estudos**, São Paulo: CEBRAP, n. 62, p. 163-181, mar. 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu & a educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 1, n. 16, p. 63-86, jan./abr. 2008.

Recebido em: 06/05/2014

Aprovado em: 29/09/2014

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 16 - Número 32 - Ano 2015

revistalinhas@gmail.com